

Vozes da cidade: percepções de migrantes retornados à cidade de Criciúma/SC

Voices of the city: perceptions of returned migrants to Criciúma, State of Santa Catarina, Brazil

Michele Gonçalves Cardoso¹

Resumo: A cidade de Criciúma/SC consolidou, nos últimos anos, um fluxo intenso de migrantes para os Estados Unidos. Estes criciumenses migraram em busca de melhores oportunidades de vida. Contudo, o objetivo final destas migrações é retornar à cidade de origem, sendo que este retorno pode ser mais difícil do que a própria migração. Os estranhamentos entre a cidade preservada na memória no dia da partida e a cidade reencontrada são muitos. A narração destes (res)sentimentos nos permite diferentes olhares sobre o fenômeno migratório e sua relação com a urbe.

Palavras-chave: Cidade, migrações contemporâneas, estranhamento, Criciúma, Santa Catarina.

Abstract: In recent years the city of Criciúma (State of Santa Catarina, Brazil) has consolidated a intense flow of migrants to the United States. These Criciúma's inhabitants migrated in search of better opportunities. However, the final objective of these migrations is to return to their hometown. But, this return may be more difficult than the initial migration. There are many estrangements between the leaved city, preserved in memory as it was on the day of departure, and the refound city. The narration of these (re)feelings allows us different perspectives on migration and its relationship with the city.

Keywords: City, contemporary migrations, estrangement, Criciúma, State of Santa Catarina (Brazil).

Os fenômenos migratórios são processos históricos que atravessam o tempo, o espaço e as fronteiras em suas variadas dimensões. Dessa forma, estes fenômenos não devem ser analisados por perspectivas reducionistas,

¹ Mestre em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. E-mail: michelehist@gmail.com

que limitam estes movimentos somente ao aspecto econômico. Evidentemente, este fator é de extrema relevância, pois a busca por melhores condições de trabalho é um dos principais motivadores dos processos migratórios. No entanto, esta busca implica em mudanças drásticas na vida daquele que migra, assim como na vida de seus familiares e amigos, na sua identidade, na sua cidade e na sua concepção de mundo. O fenômeno migratório não pode ser analisado somente por uma perspectiva individual, mas como um projeto coletivo cujas consequências são compartilhadas tanto no lugar de destino migratório quanto no lugar de origem.

Ao transpor uma fronteira, o migrante parte em busca da concretização de um projeto, levando na bagagem muitas memórias, muitas lembranças. Estas lembranças – de familiares, de amigos, da cidade – vão acompanhar o projeto migratório, sendo elas, muitas vezes, as motivadoras para a continuidade do projeto. Assim, quando o migrante retorna para sua cidade de origem espera encontrá-la exatamente como a registrou em sua memória. Não só sua cidade, como também as pessoas que um dia deixou no local de origem. É como se, ao sair, o migrante congelasse aquele lugar e aquelas pessoas, no tempo e no espaço, de tal modo que ficariam em suspensão até seu retorno. Contudo, como afirma Sayad,

Não se pode estar e ter estado ao mesmo tempo. O passado, que é o ‘ter-estado’, não pode jamais tornar-se novamente presente e voltar a estar-no-presente, a irreversibilidade do tempo não permite.²

Ao retornar, o migrante percebe que sua cidade mudou, as pessoas mudaram, assim como ele próprio mudou. O que imaginou que seria familiar se tornou completamente desconhecido. O estranhamento com relação à cidade e as pessoas é imediato. A diferença dos ritmos de vida se torna um obstáculo que para muitos é intransponível. Assim sendo, o retorno muitas vezes é mais difícil do que o próprio ato de migrar.

Nesse sentido, buscamos, através deste artigo, analisar os processos de estranhamento vivenciados por migrantes retornados dos Estados Unidos para a cidade de Criciúma/SC. Estes migrantes retornam à cidade com muitas expectativas, porém o estranhamento gera desconfortos e novas

² SAYAD, Abdelmaleck. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Travessia**, número especial, 2000, p. 11.

migrações. Deste modo, é de fundamental importância narrar estas experiências, pois elas nos auxiliam na compreensão de muitos aspectos referentes às migrações internacionais. O trânsito de pessoas entre lugares transforma relações, modifica paisagens e promove diferentes marcas nas vidas dos migrantes e em suas cidades de origem. Somente através do relato destas experiências podemos perceber como este fenômeno contemporâneo está presente nas relações cotidianas e nos diferentes espaços da urbe.

A cidade de Criciúma e suas transformações econômicas

Para melhor compreendermos o impacto dos retornados no processo migratório para Criciúma, se faz necessário pontuar alguns fatores motivadores desta migração, assim como elementos da história desta cidade.

A cidade de Criciúma teve seu desenvolvimento econômico, urbano e populacional a partir da atividade carbonífera realizada na região. A exploração industrial deste minério se efetivou durante a década de 1910. Contudo, no decorrer dos anos, a extração do carvão se mostrou uma atividade bastante instável, apresentando muitos momentos de crise. Estas crises estavam atreladas principalmente à necessidade de subsídios por parte do governo.³

Mesmo com a instabilidade do setor, a atividade carbonífera era considerada o carro chefe da economia cricumense. Na década de 1940 a cidade recebeu o título de Capital Nacional do Carvão, por conta dos elevados índices de extração deste minério. Muitas pessoas da região, e também de outros estados, foram para Criciúma em busca de novas oportunidades, tanto para trabalhar nas minas de carvão quanto para desenvolver outros setores carentes na cidade.

³ Cf. CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da história**: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964) Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002. Carlos Renato Carola identificou cinco fases que caracterizaram o processo de surgimento, crescimento e crise da atividade carbonífera. A primeira ocorreu entre 1880 e 1930: neste período houve a instalação da Estrada de Ferro Donna Thereza Cristina e o surgimento das primeiras mineradoras. A segunda fase (1931-1953) é marcada pelas leis protecionistas aprovadas por Getúlio Vargas em prol do carvão nacional. A terceira fase tem início em 1953 e se encerra em 1973. Em 1953 foram criados o Plano Nacional do Carvão e a Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional, que tinham por objetivo associar as atividades de produção, beneficiamento, transporte e distribuição do carvão. Em 1973 inicia-se a quarta fase, com a crise mundial do petróleo. A última fase inicia em 1985, marcando a decadência do carvão.

Nos anos de 1980, o setor carbonífero passa por uma intensa crise. Em 1985 o setor atingiu a maior produção de toda a história da indústria carbonífera catarinense.

Nesse ano, havia cerca de 15 mil trabalhadores nas minas, e a produção de carvão bruto atingiu mais de 19 milhões de toneladas, maior índice da história. A partir de 1985 começa o processo de redução dos subsídios e abrem-se as portas para o carvão importado.⁴

Neste contexto, a extração carbonífera inicia uma fase marcada pela decadência. Em 1992, o Governo Collor corta subsídios ao setor, acentuando ainda mais a crise. Desta forma, a atividade que foi durante muitos anos o carro chefe da economia criciunense passou a ser mera coadjuvante. A crise da atividade deixou um saldo de intensa destruição ambiental e centenas de trabalhadores desempregados.

A instabilidade da atividade carbonífera já era discutida por alguns setores desde os anos de 1960. Alguns grupos passaram a discorrer sobre a necessidade de diversificar a economia criciunense. Dentre eles, podemos destacar a Associação Comercial e Industrial, que deu início a uma campanha objetivando atrair empresas externas ao município. A Associação tecia muitas críticas à dependência da cidade ao setor carbonífero, pois a inconstância deste setor levaria a um futuro instável para o município.⁵ Foi neste período também que o setor cerâmico passou a receber estímulos econômicos para ser incrementado. A política do Sistema Financeiro Nacional de Habitação impulsionou e dinamizou a produção de pisos e azulejos. Esta atividade, realizada paralelamente à extração do carvão, se tornou bastante representativa na economia da região, sendo que em 1985 o setor de revestimentos cerâmicos representava 25% do VTI (Valor de Transformação Industrial).⁶ Contudo, em 1990, as indústrias ceramistas passaram por uma profunda crise, que restringiu as vendas ao mercado interno. Visando se adequar ao mercado externo, essas indústrias passaram a incorporar novas tecnologias.

⁴ CAROLA, **Dos subterrâneos da história**, op.cit., p. 23.

⁵ NASCIMENTO, Dorval do. **Faces da urbe: processo identitário e transformações urbanas em Criciúma/SC (1945-1980)**. 2006. 242 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006, p 52.

⁶ SANTOS, Gislene Aparecida. **Estados, redes sociais e fronteira: a migração do sul catarinense para os Estados Unidos**. 2007. 206 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. p 45.

Essa reestruturação, pautada na incorporação de tecnologias provindas da Itália, teve efeitos na produção ceramista: levou o Brasil a ocupar o 4º. lugar na produção mundial de cerâmicas, e Criciúma passa a ser considerada como polo nacional das indústrias de revestimento cerâmico.⁷

No entanto, o investimento tecnológico também acarretou mudanças nos empregos gerados pelo setor; se em 1960 o setor gerou algo em torno de 15.000 empregos, em 1992 gerou somente 4.895 empregos diretos.⁸ O aumento na utilização das máquinas foi proporcional ao aumento do desemprego.

Dessa forma, podemos evidenciar que o início dos anos de 1990 foi bastante conturbado para a economia cricumense. Dois setores que eram responsáveis por empregar um grande número de trabalhadores passaram por transformações e deixaram na cidade um grande número de desempregados. O declínio destas atividades gerou um sentimento de insegurança entre os cricumenses, pois passou a representar um futuro profissional incerto para as novas gerações. É neste contexto que podemos inferir que os cricumenses investiram em novas alternativas para fugirem da crise, sendo uma delas a migração.

No entanto, vale ressaltar que não se busca realizar uma relação de causa e efeito entre a crise econômica deste período e a migração aos Estados Unidos. Não é a profunda crise da mineração e a utilização de novas tecnologias no setor ceramista que sozinhas vão induzir à migração. A compreensão deste período procura situar o momento em que a migração internacional vai se caracterizar em um fluxo contínuo; contudo, devemos buscar compreender outros elementos que estavam presentes na cidade e que incentivaram a migração internacional. E mais, buscar compreender porque o fluxo migratório se dirigiu aos Estados Unidos e não a outros países. Visando elucidar estas questões, faz-se necessária a análise da constituição de um imaginário cidadão voltado à migração, imaginário este que promove um estreitamento dos laços Brasil/Criciúma – Estados Unidos. Nesse sentido, vamos apontar algumas características que podem ter auxiliado nesta aproximação.

⁷ SANTOS. **Estados, redes sociais e fronteira**, op.cit., p.45.

⁸ Idem.

As primeiras conexões: criciumenses nos Estados Unidos

Jaci Carminati é considerado por muitos, e por ele mesmo, como o “pioneiro”, o primeiro criciumense a ir trabalhar nos Estados Unidos. Ele atribui à sua trajetória a motivação para muitos conterrâneos migrarem. Sua relação com a migração iniciou quando Jaci foi estudar em um seminário em Minas Gerais. Lá, fez amizade com um jovem que, posteriormente, migrou para os Estados Unidos. Com este contato estabelecido, em 1966 Carminati decidiu trilhar os caminhos migratórios. Depois de estabilizado naquele país, levou seu irmão Dino, em 1969.

Os dois irmãos resolveram em 1970 fazer uma viagem de automóvel dos Estados Unidos a Criciúma, uma viagem encarada como aventura, que foi noticiada pela rádio local criciumense. Assis e Campos narram que

A viagem de Mustang da América para Criciúma foi narrada como aventura, com um misto de orgulho e saudade. Dino conta que foram de carro até o Panamá. De lá, como não havia mais estrada, o carro embarcou em um barco e eles foram de avião para Lima, no Peru. No Peru passaram uma semana, aguardando o carro e conhecendo a cidade e seus locais históricos.⁹

A chegada dos aventureiros a Criciúma teve grande repercussão, já que muitos haviam acompanhado a trajetória dos irmãos através da cobertura realizada pela mídia criciumense. Em seguida, ambos retornaram aos Estados Unidos; posteriormente, suas esposas, Mirces e Neide, juntaram-se a eles naquele país. Já em 1980 a família Carminati decidiu retornar a Criciúma. Neste primeiro retorno, os irmãos Carminati abriram uma rede de danceterias, sendo três boates na cidade de Criciúma e uma no Balneário Rincão.

Por conta dos seus empreendimentos, a trajetória destes irmãos se espalhou pela cidade. A experiência migratória deles é considerada de

⁹ ASSIS, Gláucia de Oliveira; CAMPOS, Emerson Cesar de. De volta para casa: a reconstrução de identidades de emigrantes retornados. **Tempo e Argumento**. Florianópolis. v.1, n.2, p.80-99, jul./dez. 2009. p.85. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/tempo/article/viewFile/1834/1437>>. Acesso em: 10 de maio de 2010.

sucesso, e por isso serve de referência para tantos criciumenses. Além da repercussão por conta de seus investimentos, Jaci também se destacou na mídia local através de sua coluna num dos jornais da cidade, mantida durante a década de 1990. Ele também possuía uma pequena empresa em Boston, que objetivava orientar os emigrantes na realização de algumas atividades, tais como: “tirar a carteira de motorista, pagarem taxas ao governo norte-americano e fazerem remessas ao Brasil.”¹⁰ Jaci também promoveu muitos eventos tanto na cidade de Criciúma quanto nos Estados Unidos.

De modo geral, podemos perceber que a exposição da família Carminati na mídia fez a sua trajetória conhecida na cidade. A figura de Jaci Carminati, principalmente, é vista como a do “migrante que deu certo”, aquele que “conquistou a América” e obteve sucesso. Essa vivência bem sucedida acalenta os sonhos de muitos criciumenses e ajuda a constituir um imaginário voltado à migração, entendendo os Estados Unidos como a terra das oportunidades.

Além de auxiliar na constituição de um imaginário voltado à migração, a experiência dos Carminati ainda possibilitou as primeiras conexões entre Criciúma e a região de Boston. No decorrer dos anos, estas primeiras conexões foram se delineando e formando um fluxo contínuo. Neste fluxo, muitas informações foram transmitidas, o que facilitou a ida de outros criciumenses para a região de Boston. Estas informações foram transmitidas através das redes sociais.

Recentemente muitos autores passaram a recorrer ao estudo de *redes sociais*. Esses “autores consideram a necessidade de estudar a migração não como uma decisão individual baseada em critérios econômicos. A decisão de migrar passa por um conjunto de conexões estabelecidas por relações sociais.”¹¹ As redes sociais podem ser compreendidas como mecanismos facilitadores no processo migratório. São como pontes em que informações entre o local de origem e de destino migratório são transmitidas. Estas informações ajudam a diminuir os riscos do projeto migratório, pois se configuram num primeiro contato com o país de destino. Através destas redes, que são estabelecidas entre parentes,

¹⁰ ASSIS; CAMPOS. De volta para casa..., op.cit., p. 88.

¹¹ SIQUEIRA, Sueli. **Migrantes e empreendedorismo na microrregião de Governador Valadares – sonhos e frustrações no retorno.** Belo Horizonte, 2006. 178 p. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Minas Gerais. p. 39.

amigos ou conterrâneos, circulam informações referentes a empregos ou moradia no local de destino, informações cruciais para um recém-chegado.

Vale ressaltar que grande parte dos brasileiros que migram para os Estados Unidos não domina a língua inglesa, fato que acarreta diversos problemas na sociedade receptora. Estes problemas, decorrentes das diferenças entre os países de origem e destino, são amenizados quando as redes sociais são acionadas. Através destas redes, os migrantes promovem o *help*, que seria um auxílio a um recém-chegado. Imigrantes estabelecidos no país de destino hospedam os novos migrantes em suas casas, muitas vezes gratuitamente, por um pequeno período, até que aqueles possam arranjar emprego e moradia. Este auxílio também pode ser acionado em diferentes momentos, como na travessia da fronteira (principalmente quando essa é realizada pelo México), na procura por emprego e nos modos de se obter os documentos, não somente de legalização, mas também documentos falsos.

Nesse sentido, podemos evidenciar que as redes sociais agem tanto no local de origem quanto no local de destino do fluxo, pois o auxílio prestado através das redes inclui

[...] desde presentes para os parentes que moram no Brasil, até o cuidado dos filhos que permaneceram no país pelos avós, ou empréstimos para aqueles que ficaram e a administração do dinheiro que os migrantes remetem pelos parentes, ou uma força dos pais viajando para o país de destino quando as filhas estão para ganhar seus filhos/as nos Estados Unidos. Esse dar e receber não ocorre sem conflitos, mas o que importa ressaltar é a relevância dessas conexões para o empreendimento migratório.¹²

As conexões estabelecidas através das redes sociais entre o lugar de origem e o destino migratório evidenciam que as redes auxiliam no direcionamento do fluxo migratório. Isso se dá porque as informações entre os locais são transmitidas com facilidade; visando diminuir os riscos da migração para o exterior, os futuros migrantes se direcionam para locais em que possam contar com o apoio de amigos, parentes ou conterrâneos.

¹² ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros**. Campinas, 2004. 340 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas. p. 58-59.

Assim, os imigrantes potenciais concentram-se naquelas poucas localidades onde têm fortes ligações com o lugar de origem, deixando de considerar muitos outros destinos teoricamente disponíveis. Neste sentido, as redes limitariam as opções dos migrantes.¹³

Na cidade de Criciúma podemos evidenciar a constituição de uma complexa rede de relações que conecta algumas cidades da região de Boston à vida cotidiana dos criciumenses. Nesse sentido, fica claro que a consolidação das redes sociais na cidade foi de fundamental importância para a constituição e a manutenção do fluxo para os Estados Unidos. As redes asseguram a continuidade do fluxo através do tempo. As trocas de informações entre os lugares, as remessas enviadas pelos migrantes, a “propaganda” que muitos parentes fazem em torno das “facilidades” de se ganhar dinheiro no exterior ajudam a manter vivos os elos entre os lugares e auxiliam muitos criciumenses a migrar para os Estados Unidos.

Outros elementos, como as agências de viagem, também estão presentes na cidade, facilitando o fluxo. No entanto, a maioria dos criciumenses se utiliza de pessoas conhecidas para obter informações e auxílio tanto para a viagem quanto para a chegada no país de destino. “Portanto, as redes sociais também revelam que a migração é um projeto econômico, familiar e afetivo, o qual envolve aqueles que partiram e aqueles que ficaram no processo.”¹⁴

No contexto migratório os migrantes criciumenses realizam diversas atividades. Assim como grande parte dos brasileiros em condição migratória, muitos catarinenses são indocumentados e procuram empregos através das redes que tecem. A maioria dos criciumenses se dedica a trabalhos nas redes do setor alimentício, construção civil e de limpeza. Estes migrantes constroem projetos migratórios cuja finalização é o retorno ao local de origem. Este retorno pode estar condicionado a um determinado tempo, ou à aquisição de alguns bens, porém é o objetivo final da migração.

¹³ SASAKI, Elisa Massae; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Teorias das migrações internacionais. **XII Encontro Nacional da ABEP**, Caxambú. 2000. p 1-19. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt16_2.pdf>. Acesso em: 10 Out. 2010. p. 11.

¹⁴ ASSIS, **De Criciúma para o mundo**, op.cit., p. 69.

“O sonho de retorno é constitutivo do projeto de migração, seja ela nacional ou internacional, dos diferentes fluxos migratórios contemporâneos.”¹⁵

Mesmo voltando para o lugar de origem, retornar é mudar novamente. A decisão por essa nova mudança

[...] implica uma agitação constante e isso remete ao tema da identidade de quem volta que, por sua vez, tem a memória em constante ebulição, fomentando juízos de valor sobre a experiência como um todo.¹⁶

Assim, o estranhamento em relação à cidade da qual um dia partiu faz parte da experiência do retornado.

O retorno e seus estranhamentos

De modo geral, enquanto estão nos Estados Unidos os migrantes buscam manter contato com seus familiares e amigos para amenizar a distância. Nos últimos anos, a internet tem sido um dos principais meios de matar a saudade da terra natal: são e-mails, fotografias e conversas pela *webcam* que aproximam os quilômetros de distância. Neste período de afastamento, os migrantes recordam de suas vivências na cidade, de seus amigos e familiares. Contudo, ao tomarem a decisão de voltar para a cidade, percebem que muita coisa mudou e tecem comparativos entre os dois lugares. Nesse sentido, não foram somente os anos que passaram e alteraram as características da cidade de origem: a própria experiência migratória transformou o migrante.

As experiências vivenciadas nos Estados Unidos contrastam com o modo de vida criciumense. Por mais que a cidade tenha mudado, ainda assim, os retornados percebem uma diferença entre os ritmos dos diferentes lugares e passam a estranhar o que imaginavam ser familiar. A distância e a experiência migratória permitem ao migrante mudar a forma de olhar a cidade, o modo como as pessoas vivem e permite contestar elementos antes naturalizados. Além destes estranhamentos com relação à Criciúma do retorno, ainda existe o estranhamento com relação às pessoas. Estas também

¹⁵ SIQUEIRA, **Migrantes e empreendedorismo...**, op.cit., p. 12.

¹⁶ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Brasil fora de si: experiências de brasileiros em Nova York**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 343.

mudaram. Mesmo não tendo se deslocado como o migrante, as pessoas seguiram suas vidas e transformaram suas relações. Todos estes fatores demonstram que os migrantes criam uma imagem da cidade e das relações urbanas e familiares e as congelam, congelam o espaço no tempo. Desse modo, os migrantes parecem suspender no tempo o período em que ficaram longe. Pensam que, ao voltar, darão continuidade às suas vidas exatamente como eram no dia em que partiram. Sarvalaio pontua esta questão em sua entrevista:

Tu vai pros Estados Unidos e tu pensa que quando tu volta as coisas estão exatamente como tu deixou. E o quê que acontece? Também muda. As pessoas que estão aqui, as coisas, a vida continua.¹⁷

As diferenças entre a imagem que se consolidou e a realidade encontrada no retorno fazem com que o processo de readaptação seja muito difícil. A sensação de não pertencimento acompanha o retornado que não reconhece mais o espaço ao qual pensava pertencer. Nesse sentido, muitos retornados acabam por enfrentar um novo processo migratório, na busca de encontrar um lugar em que se sintam em casa.

Para exemplificar estas relações podemos acompanhar a trajetória de Edna Farias. Esta cricumense, no início dos anos de 1990, estava com dificuldades para pagar a Faculdade de Engenharia de Agrimensura. Assim, entrou em contato com pessoas que haviam retornado de uma experiência migratória. Com este contato estabelecido, ela, aos 19 anos, foi para a Suíça trabalhar na colheita de uvas. Ao embarcar no avião, no Rio de Janeiro, percebeu que havia um grupo de mais de trinta cricumenses também indo para a Suíça, pessoas que ela não conhecia antes do embarque.

Ao chegar ao país de destino, Edna alterou os planos iniciais e foi em busca de outras oportunidades. Trabalhou como babá e posteriormente, foi para a Universidade estudar francês. Ao concluir seus estudos, não conseguiu meios de se legalizar na Suíça e decidiu voltar ao Brasil.

Voltei pro Brasil, mas a adaptação não aconteceu. Foi assim, foram conflitos e interrogações e falta de apego,

¹⁷ SARVALAIO, Glades. Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso. Criciúma, 09 de abril de 2010.

de contato, porque saí com 19 anos, né [...] E aí voltei [e] não encontrei mais ninguém.¹⁸

Com este problema de adaptação, decidiu migrar novamente. Como havia mantido contato com uma das pessoas que haviam ido para a Suíça e que na época já havia migrado para os Estados Unidos, decidiu partir para aquele país também. Nos Estados Unidos, Edna casou com um criciumense e teve duas filhas. Trabalhou a maior parte do tempo numa rede de cafeterias. Contudo, por conta de algumas doenças na família, decidiu voltar para Criciúma para estar mais próxima dos pais e também dos sogros. Desta vez, buscou se preparar para retornar, pois sabia que a adaptação seria difícil, já que em outro momento havia passado por esta experiência e não havia conseguido ficar na cidade.

Como eu já tinha feito a experiência de, na época que eu ‘tava na Suíça, de voltar e ficar, eu já entendi que não era fácil chegar e ficar. Eu já entendia que tanto a situação econômica como social, como de relação interpessoal, como de família, não, não era fácil. Já sabia que eu tinha perdido o contato e o vínculo com todos [...] esses campos em que a gente tem relação, onde... quando a gente tem um vínculo com a terra, com o lugar da gente. Então eu já cheguei preparada pra ‘tá meio que dentro de uma bola sozinha e... meio que sabendo que eu ia ter que procurar me integrar em todos os aspectos, né. Aí, onde eu achei que eu ia, que ia ser mais fácil, seria de início já ter esse vínculo com a faculdade, com a universidade. E aí eu ia poder ‘tá tendo um objetivo de vida, um objetivo profissional, um grupo social onde eu ia ‘tá podendo me integrar por um ponto em comum, que seria o curso. Pessoas onde eu ia poder ‘tá conversando porque tanto no... nos desejos, objetivos, vocabulário... Nada disso mais fechava, nada disso mais tinha em comum, né. As ideias, né, tudo era diferente vindo de um lugar [...], de uma outra cultura, um outro nível social de povo... Ah outros hábitos, enfim. É como tu, como ter saído do Brasil a primeira vez e ido morar fora. Agora eu ‘tava saindo do meu lugar fora, vindo de novo pra um lugar

¹⁸ SILVA, Edna Farias da. Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso. Criciúma, 30 de março de 2010.

estranho praticamente, onde eu tive que me readaptar por completo. O que tinha aqui, que me fazia... que me dava segurança, era essa... era o vínculo dos pais, né. Então, os pais estavam aqui, mas... E aliás, por acaso, [...] tanto os meus pais quanto os dele (marido) tinham se mudado do local onde eles moravam da cidade. Então meio que ficou assim: o pai, os pais eram o vínculo, mas não estavam no local físico habitual.¹⁹

Edna tentou fazer o possível para vir preparada para esse novo processo de readaptação. Assim, depois de anos nos Estados Unidos (migrou em 1994), ela buscou na Universidade estabelecer um vínculo para que pudesse se sentir mais segura neste processo. Assim, como sempre teve o objetivo de cursar Psicologia, ela ingressou na Universidade poucos dias depois de ter retornado a Criciúma. Entretanto, se reencontrar na cidade não foi fácil, pois, como ela mesma enfatiza, a casa dos pais e a dos sogros, que eram referências, principalmente a dos pais, não eram mais as mesmas. Assim, o ponto de referência também estava modificado, aumentando a sensação de estranhamento. Era como ir para um

[...] país completamente novo, um mundo completamente desconhecido novamente. Mesmo conhecendo as pessoas, mesmo sendo da mesma raiz [...] a gente não falava mais a mesma língua, como suposto, né, não tinha mais o mesmo signo de comunicação.²⁰

Essa sensação de estar deslocada foi percebida por ela ao tentar encontrar uma casa na cidade. Após procurar muito, não conseguiu achar um lugar que pudesse reconhecer e passou a tarefa da compra do imóvel para o companheiro. Para ela, era difícil achar um espaço para se reconhecer e chamar de lar. “São três anos e meio que eu estou tentando reconstruir esse vínculo com o lugar.”

Para muitos emigrantes, o retorno é muito angustiante, pois a cidade para a qual estavam retornando era o seu lar, o seu lugar. No entanto, ao chegar não eram estes os sentimentos que a cidade despertava. Segundo Monica Santos, sua experiência ao retornar foi um

¹⁹ SILVA, Edna Farias da. Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso, op.cit.

²⁰ Idem.

[...] choque, né. É, quando fui pra lá foi o impacto da língua, dos costumes, da cultura, né. De tudo, tu tem que se adaptar. Quando eu voltei foi uma readaptação né, de começar a rever o que eu já tinha deixado. Só que quando tu vive em outro lugar muito tempo, depois volta, tu fica bem confuso, eu fiquei muito assim... Agora que eu 'to conseguindo me localizar novamente e tal, mas os primeiros meses são muito ruins, são muito difíceis. Se tu não tem uma cabeça boa, se tu não... é muito difícil tu assimilar a diferença, e não porque lá é melhor ou pior, não é isso... É a tua mente, o teu corpo, é tudo, né. Pra ti aceitar que tu 'tá em outro lugar, tu 'tá em outro ritmo, é muito difícil [...].²¹

Estas diferenças entre os ritmos vividos nos diferentes lugares acompanham o retornado em todas as suas experiências. Mesmo que muitos retornados evitem tecer comparações com frequência entre os lugares, é praticamente inevitável a comparação entre os modos de vida nos Estados Unidos, ou melhor, na região em que viviam neste país (majoritariamente em Boston) e a vivência em Criciúma. Quando questionados sobre as principais diferenças entre os lugares, os retornados destacam a organização e a educação na sociedade estadunidense como a principal diferença. Nesse sentido, relatam que nos Estados Unidos haveria uma maior organização do trânsito e da segurança, e que as pessoas são mais educadas para obedecer às normas. As comparações quanto ao tráfego entre os dois lugares são uma fala comum dos retornados.

Então a gente choca porque no trânsito, por exemplo, é muito organizado, tu dirige com muita calma, as pessoas esperam, têm paciência, o pedestre tem a prioridade. Então... aqui não, aqui eu no começo 'tava com medo de pegar o carro porque era muito difícil.²²

De modo geral, apesar de criticarem alguns elementos que antes da experiência migratória não eram considerados problemas, a maioria dos retornados apontaram melhoramentos na cidade.

²¹ SANTOS, Monica. Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso. Criciúma, 26 de março de 2010.

²² Idem.

As comparações constantes entre o modo de vida dos dois países levam muitos retornados a sentirem como se estivessem divididos entre dois lugares. Por conta do mal-estar gerado por essa sensação, muitos se perguntaram se a experiência valeu a pena e se conseguiram atingir seus objetivos. Passaram também a interrogar sua trajetória, tentando imaginar como seriam suas vidas caso não tivessem migrado. Estas dúvidas evidenciam como a experiência migratória é marcante para aqueles que optam vivenciá-la. Para Silvano Salvador,

A partir do momento que tu conhece um outro ritmo, um outro estilo de vida, uma outra cultura, tu fica sempre dividido. Com todos que eu converso, amigos que eu tenho contato aqui, também pensam a maioria do mesmo jeito... fica assim... tu queria os dois: tu queria a junção das duas coisas numa só, aí seria perfeito.²³

A ideia de que a junção de características entre os dois lugares seria uma solução perfeita destaca com clareza a angústia dos retornados, que não se reconhecem mais em um só lugar.

Eu já não sou mais a Edna brasileira. Hoje eu já sou a Edna: a brasileira, americana, suíça, é como se eu tivesse dividida num bolo em três partes, né. Pra qualquer um dos três lugares que eu voltasse eu me sentiria da mesma maneira, metade em casa, metade fora, né. Acho que essa é a sensação que eu carrego.²⁴

Esta angústia vivenciada no retorno à terra natal apresenta-se para alguns mais difícil do que a decisão de emigrar.²⁵ Por isso, muitos retornados, não sabendo lidar com o processo de readaptação, partem novamente do país e muitos se caracterizam como transmigrantes: pessoas que buscam viver em diferentes lugares, em que as fronteiras não representam mais lugares estranhos ou conhecidos, mas sim, lugares em que o migrante fica em trânsito, por tempo indefinido.

²³ SALVADOR, Silvano. Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso. Criciúma, 25 de março de 2010.

²⁴ SILVA, Edna Farias da. Entrevista concedida a Michele Gonçalves Cardoso, op.cit.

²⁵ SIQUEIRA, **Migrantes e empreendedorismo...**, op.cit., p. 83.

Estes relatos brevemente destacados neste artigo nos possibilitam vislumbrar diferentes aspectos de uma cidade marcada pelas migrações internacionais. Muitas destas vozes da fronteira são suprimidas por outras identidades da cidade.

Criciúma é marcada por duas diferentes constituições identitárias. Uma é aquela que foi pautada na chamada “pedra fundamental do progresso”, o carvão. Outra está vinculada aos grupos étnicos que constituíram a cidade, identidade que ganhou força na década de 1980 com as comemorações do Centenário de Criciúma. Ambas as identidades reforçam uma cidade acolhedora, em que a migração, seja a europeia ou aquela interna promovida pela atividade carbonífera, era uma característica marcante. Entretanto, desde os anos de 1990 a cidade passou a exportar mão de obra, fato que evidencia uma cidade marcada por crises econômicas, imagem que muitos grupos sociais evitam destacar.

Ao dar visibilidade às vozes dos migrantes internacionais, podemos perceber diferentes narrativas sobre a cidade, diferentes sentimentos que uma mesma cidade desperta. São olhares, angústias, contradições, estranhamentos, (res)sentimentos, que marcam a trajetória de muitas pessoas cujas fronteiras não limitam mais um determinado território.